

REFLEXÃO SOBRE A IMAGINAÇÃO E A CRIATIVIDADE NOS ANOS INICIAIS: UMA IMERSÃO NA LITERATURA

Data de aceite: 03/08/2023

Jacqueline Lorrane Brugalli Chagas Cagliari

Doutoranda em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco.

Victória Maria Brugalli Chagas Cagliari

Pós-graduanda em Educação Internacional Bilingue/Plurilíngue com ênfase no Ensino de Línguas Estrangeiras pela Universidade Federal de Pernambuco.

Anna Mirella Cibalde de Albuquerque Sousa

Graduanda do curso de Psicopedagogia pela Faculdade Estácio.

construir um diálogo com elementos teóricos na psicologia cognitiva, através da apresentação de dois processos cognitivos relacionados ao aprendizado infantil. Compreende-se, portanto, que a imaginação e a criatividade possibilitam e contribuem no desenvolvimento infantil em diferentes contextos escolares, através de ambientes proporcionados pelos educadores que possibilitam novos estímulos e permitem fluidez das ideias, as quais são expressas de formas distintas e auxiliam no aprendizado e em uma maior interação social.

PALAVRAS-CHAVE: Imaginação; Criatividade; Prática escolar; Anos iniciais; Psicologia Cultural.

RESUMO: O presente resumo expandido tem como objetivo apresentar uma reflexão sobre dois conceitos centrais: (i) imaginação e (ii) criatividade, a partir de um embasamento teórico que contempla o desenvolvimento e a aprendizagem infantil e a influência cultural frente às potencialidades nas competências imaginárias e criativas das crianças em etapa escolar. Ao aderir uma perspectiva epistemológica, os argumentos apresentados fundamentam-se em um escopo teórico que faz parte da metodologia da pesquisa e possibilita

INTRODUÇÃO

A imaginação tem sido estudada desde a antiguidade por filósofos como Aristóteles e Platão. Aristóteles referia a imaginação como um conhecimento que vêm dos sentidos, das experiências transformadas em imagens (*phantasma*). Este autor separava a *phantasia* em passiva e ativa a partir do desejo de

realizar algo; antecipar o desejo antes da ação. Deste modo, os sentidos se transformariam em imagens; proporcionando uma matéria ao intelecto. Já Platão aludia a imaginação um grau menor de conhecimento (KUBISZESKI, 2013; ZITTOUN; CERCHIA, 2013).

Para outros autores como Kant este processo era visto como intermediário da relação entre a percepção e o conceito, sendo a ligação das ações aos pensamentos. Este autor também procurou diferenciar a imaginação em: (i) imaginação reprodutiva, que seria a habilidade de representar objetos em sua ausência, relacionando/conectando a memória à percepção; e (ii) imaginação criativa, que se relaciona à realidade e combina imagens de diversas maneiras. Esse modelo de distinção foi utilizado por outros autores posteriormente (ZITTOUN; CERCHIA, 2013).

Grande parte das teorias que envolvem o conceito de imaginação estão ancoradas na noção de Peirce (1877, apud ZITTOUN; CERCHIA, 2013) de ruptura devido ao fato de acreditarem que esse processo está envolvido em um fluxo de ruptura do pensamento. Deste modo, essas teorias consideram a imaginação como um processo que possibilita a reflexão sobre o pensamento e a realidade, no qual seria capaz de conectar a experiência humana fragmentada.

Segundo Zittoun e Cerchia (2013), a imaginação possibilita observar as experiências e vivências de modo mais estável devido ao fato de preencher as lacunas entre os sentidos e as imagens do mundo. Como exemplo esses autores remetem à compreensão de histórias quando os quadrinhos são apresentados de modo “aparentemente” desconectados para os sujeitos. Destarte, o preenchimento das lacunas é necessário para a compreensão do mundo. Em linhas gerais, essas teorias se baseiam no fato de o fluxo do pensamento ser fragmentado e a imaginação funcionar como um “laço” que conecta essa ruptura entre a experiência no mundo e o curso do pensamento no qual o professor deve utilizar deste processo para ampliar, refletir e transformar as práticas vividas no ato de lecionar.

Deste modo a imaginação seria base para as demais atividades humanas e componente cultural importante da vida do sujeito já que possui livre acesso para as experiências sociais (ZITTOUN; CERCHIA, 2013). À luz da imaginação, Zittoun e Saint-Laurent (2015) a referem como mudança – transformação – das experiências afetivas, da relação com os outros e dos aspectos da identidade. Deste modo, é possível pensar a imaginação como um processo de desenvolvimento que define as condições sob o qual pode ser reconhecido o processo criativo.

Uma abordagem sociocultural da criatividade entende esse processo como uma comunicação interativa e intersubjetiva advinda da relação entre o self, a outridade, o objeto e o signo. Zittoun e Saint-Laurent (2015) aludem a criatividade como um modo de agir em si mesmo e no mundo, em objetos e sinais. Desse modo, a criatividade pode ser definida como um processo criativo que exige deixar as margens seguras do aqui-agora e do conhecido para mergulhar no desconhecido, possibilitando à imaginação criar novas reflexões sobre a vivência. A criatividade pode ser considerada também como um

“processo sociocultural complexo que, através de trabalhos com materiais culturalmente impregnados, leva à geração de artefatos que são vistos como novos e significativos” (GLAVEANU, 2010, p. 87).

Nesta direção, Vygotsky (2012) refere que a criatividade tem origem no social e é através dela que os sujeitos partilham significados, seja pelo diálogo ou pela expressão artística. A ação criativa está presente ao longo do desenvolvimento dos indivíduos e vai se modificando a partir dos processos de crescimento necessários e da diversidade de alternância nos problemas que vão surgindo. A pedagogia da criatividade não se restringe a atividades educativas ou de expressões catárticas, mas a “possibilidade real para o desenvolvimento cognitivo e emocional dos indivíduos” (p. 16). Processo este constituído como condição necessária a existência de tudo que rompe com a cadência sonolenta do cotidiano e fende as bordas deixadas pela rotina – tem como efeito-causa a ação criativa.

Nas últimas décadas, os estudos sobre imaginação e criatividade têm se direcionado na valorização de sua influência no contexto sócio histórico e cultural. Nesta perspectiva, o ambiente escolar torna-se um espaço de produção, em que deveria possibilitar ao aluno estímulos visando (i) valorizar produtos e ideias criativas; (ii) considerar seus interesses e habilidades; (iii) perceber o erro como uma das etapas de aprendizagem entre outros. Quanto aos professores, sugere-se que na sala de aula seja elaborado um ambiente prazeroso para a experiência de aprendizagem do aluno, além de pensar sobre a inserção de estratégias de ensino, tais como: (i) vincular os conteúdos das disciplinas com as experiências vivenciadas pelos aprendizes e (ii) criar um espaço para divulgar os trabalhos produzidos pelos mesmos (FLEITH, 2001).

METODOLOGIA

Realizou-se uma imersão na literatura e investigações bibliográficas sobre o conceito de imaginação e criatividade a partir do referencial da perspectiva da Psicologia Cultural. Com a apresentação dos conceitos de modo breve, buscou-se relacionar com a temática do ensino e observar de que forma poderiam auxiliar no desenvolvimento da aprendizagem para crianças, além de provocar uma reflexão sobre a prática exercida pelos docentes que poderiam utilizar desses processos cognitivos para ponderar sobre sua didática.

A seleção do material utilizado como referência nesse resumo partiu de autores renomados que tem em seus estudos um grande aporte teórico sobre os conceitos supracitados. Sendo referências na área de estudo dos processos cognitivos com ênfase voltada para questões sócio-histórico-culturais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir de uma perspectiva sociocultural, abordagem com maior ênfase neste

capítulo, a imaginação é compreendida como um processo que conecta eventos pretéritos com eventos presentes e até antecipa momentos futuros com base nesse passado (prolépsis). As interpretações, baseadas em vivências passadas, são o que permitem as transformações do meio; encontrando a solução do problema (ZITTOUN; SAINT-LAURENT, 2015).

Deste modo, a imaginação utiliza de experiências, memórias e elementos semióticos para preencher as lacunas e fragmentos existentes no ato de pensar. A imaginação aparece como uma exploração de alternativas possíveis – um *loop* do aqui- agora para outros tempos e lugares, para em seguida voltar a enriquecer o aqui-agora – proporcionando assim uma expansão e preenchimento da experiência. O movimento de *loop* feito no momento de expansão proporcionado pela imaginação ocasiona em uma ruptura no qual o indivíduo amplia as possibilidades para as situações vivenciadas.

Assim sendo, a imaginação possibilitaria *loops* nos quais a criança se desconectaria do fluxo contínuo da experiência e exploraria um mundo alternativo ou potencial. Os *loops* imaginários podem ter diversas formas e direções, permitindo que os sujeitos voltem à pontos de partida reais. Essa direção, segundo Vygotsky (2012), é culturalmente guiada e a concepção de imaginação ocorreria como uma expansão da experiência.

Sobre os processos criativos, segundo o autor supracitado, se observam em maior intensidade na primeira infância cujo papel é de suma importância para a promoção do desenvolvimento, crescimento e maturação dos pequenos. Nessa fase a criatividade se manifesta através de expressões artísticas e jogos; “o rapaz que cavalga um cabo imagina que monta um cavalo, a menina que brinca com a boneca imagina-se como mãe, a criança que no jogo se transforma em ladrão, soldado ou marinheiro” (VYGOTSKY, 2012, p.27), são exemplos autênticos do processo criativo.

O ato de brincar e jogar não são atividades meramente lúdicas, mas sim possuem em sua essência uma recordação, reelaboração, adaptação e construção de vivências já experienciadas pela criança. A combinação de elementos de eventos já vividos anteriormente resulta na ação criativa que endossa os processos imaginativos e criativos na criança, esquivando de ser somente uma reprodução literária de comportamentos e ações observadas. Em súpula, “o que a criança vê e ouve constitui deste modo os primeiros pontos de apoio para a sua criatividade (p. 47) e concerne ao docente dos anos iniciais estimular a fantasia e não tolher o desenvolvimento criativo. À exemplo:

“Na velha escola, o desenvolvimento da criatividade para (...) alunos das classes primárias seguia este curso: o professor escolhia um tema para a elaboração de uma composição e as crianças escreviam a composição aproximando a sua redação, tanto quanto possível, da linguagem literária dos adultos, ou do estilo dos livros que liam. Tais temas eram estranhos à compreensão dos alunos, desligados da sua imaginação e dos seus sentimentos. Não se davam às crianças exemplos de como elas deveriam escrever. Só raramente o próprio trabalho se referia a um objetivo familiar e compreensível, ao alcance da criança. Tais professores, ao não orientar

bem a criatividade literária das crianças, com frequência matavam a beleza espontânea, as particularidades e a vitalidade da linguagem infantil e obstaculizavam a aquisição da linguagem escrita como expressão particular dos seus próprios pensamentos e sentimentos, e inculciam nas crianças, como dizia Blonsky, o jargão escolar, construído a partir da introdução da repetição mecânica da linguagem livresca dos adultos (VYGOTSKY, 2012, p. 79).

O ato de imaginar e a ação criativa estariam, então, conectados com as experiências e perspectivas da criança transcorrendo por uma elaboração artística que circunda esses processos. Desse modo, no jogo de imitação, a criança expressaria suas impressões exteriores em um movimento de deslocamento, transmitindo ao ambiente elementos intrínsecos. No ato de brincar, surgiria qualidades, como o heroísmo e a gentileza, em que a criança concebe situações com essas qualidades sendo postas em jogo, além da possibilidade de apresentar um produto criativo para experiências imaginárias e, estas, tornam-se ações nas dramatizações.

A partir do conto proposto por Buckey (s.d.) é possível observar o resultado e o impacto das ações de um professor que não estimula e não orienta o desenvolvimento imaginativo e criativo das crianças em anos iniciais. O artigo conta a história de um menino que quando cresce e pode ir à escola, encontra lá profissional que sempre instrui como executar as atividades de expressões artísticas. Como em um recorte “(...) esperem! Vou mostrar como fazer! E a flor era vermelha com o caule verde. Assim, disse a professora. Agora vocês podem começar a desenhar” (p. 1). Não deixando espaço e brechas para outras possibilidades de cores, formatos e tamanhos. Quando o menino sai desta escola e vai para outra, ocorre uma situação adversa da primeira. A professora não delimita critérios para a construção do desenho, deixando o menino confuso:

- “ (...) o que nós vamos fazer?
- Eu não sei até que você o faça
- Como eu posso fazê-lo?
- Da maneira que você gostar” (p 2).

Dessarte, a partir do que foi refletido acima, a criatividade e a imaginação são processos pertencentes a um mesmo fenômeno quanto processos que promovem nas crianças uma orientação voltada para o futuro e que possibilita alterar as vivências no presente. A ação de se deslocar temporalmente é chamada de imaginação, elemento base, segundo Vygotsky (2012), de toda ação criativa. Segundo Zittoun e Cerchia (2013) a natureza temporal da existência humana implica em um desajuste, uma fragmentação, entre a compreensão do mundo e sua real forma. Este desajuste/diferença pode ser visto como um movimento que desencadeia a imaginação e a criatividade. E compete ao professor incentivar e encorajar as crianças em anos iniciais nas mais diversas formas de materiais e técnicas possíveis. Seja no método, no manejo dramático, cênico e artístico ou através de ferramentas verbais e literais disponíveis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo Vygotsky (2012) a imaginação e a criatividade se articulam enquanto processos atravessadores nas vivências dos sujeitos e presentes nos âmbitos da arte, da cultura e da ciência. Para o autor, esses processos cognitivos superiores possibilitam as crianças em anos iniciais ir além dos conteúdos apreendidos. Desse modo, as expressões artísticas, os jogos e as atividades lúdicas são ferramentas, de cunho preparatório e pertinentes, indispensáveis para o desenvolvimento infantil.

A instituição escolar atuaria nesse processo como coparticipante no jogo de criação infantil, com papel crucial no desenvolvimento dos estudantes em anos iniciais, através da expressão e ideias livres nas representações. Sendo necessário refletir sobre os modelos utilizados no aprendizado das crianças, à medida em que se busca proporcionar um desenvolvimento infantil livre das margens que o restringem e aprisionam.

Ressalta-se, portanto, a importância de profissionais que tenham um embasamento teórico e prático ao explorarem trabalhos que incluam atividades livres com elementos manuais diversos que possibilitem a produção de artefatos elaborados de forma livre a partir do processo imaginário e criativo da criança, como registra o conto de Buckley (s.d.): [...] “deixando de lado as tradicionais flores vermelhas de caule verde e os pratos redondos de barro”. Ao mesmo tempo, os educadores precisam ter o olhar atento e observar o comportamento das crianças, para que propostas possam ser refletidas a fim de ampliar e contribuir para uma aprendizagem mais fluida de acordo com as demandas e necessidades de cada. Refletindo sobre a imaginação quanto estímulo de impulsionar, evocar e despertar o exercício da pedagogia da criatividade.

REFERÊNCIAS

BARROCO, S. M. S.; SUPERTI, T.. Vygotski e o estudo da psicologia da arte: contribuições para o desenvolvimento humano. **Psicologia & Sociedade**, v. 26, n. 1, p. 22–31, jan. 2014.

BUCKLEY, H. E. **O menino**. (s.d). In: Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Laboratório de Estudos e Pesquisa Transdisciplinares (LEPTRANS). Disponível em: <<http://www.ufrrj.br/leptrans/textos.htm>>. Acesso em: 04 jul, 2018.

COELHO, L.; PISONI, S. Vygotsky: sua teoria e a influência na educação. **Revista e- Ped FACOS/ CNEC**. Osório, v. 2, n. 1, p. 144-152, 2012.

FLEITH, D. de S. Criatividade: novos conceitos e idéias, aplicabilidade à educação. **Revista Educação Especial**, [S. l.], p. 55–61, 2012.

GLAVEANU, V. P. Paradigms in the study of creativity: Introducing the perspective of cultural psychology. **New Ideas in Psychology**, 28, 79-93. 2010. doi: 10.1016/j.newideapsych.2009.07.007

KUBISZESKI, G. F. **O conceito de imaginação no de anima de Aristóteles**. 2013. 59 f. Monografia (Departamento de Filosofia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

VYGOTSKY, L. S. **Imaginação e Criatividade na Infância** (1ª ed.). Portugal: Dinalivro, 2012.

ZITTOUN, T.; CERCHIA, F. Imagination as Expansion of Experience. In: **Integr Psychol Behav Sci.**, v. 47, n. 3, New York, p. 305-324, set. 2013. doi: 10.1007/s12124- 013-9234-2.

ZITTOUN, T.; SAINT-LAURENT, C. Life-creativity: imagining one's life. In: **Rethinking creativity: Contributions from cultural psychology**, p. 58-75, 2015.